



Há poder em um sindicato: como eu me tornei uma ativista trabalhista

Drucilla Cornell¹

¹ Rutgers University, Nova York, Nova York, Estados Unidos. E-mail: drucillacornell2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5578-295X>.

Versão original:

CORNELL, Drucilla. "There is Power in a Union: How I Became a Labor Activist", *Regional Labor Review*, vol. 23, no. 1 (Fall 2020). © 2020 Center for the Study of Labor and Democracy, Hofstra University. Disponível em: <https://www.hofstra.edu/sites/default/files/2021-07/how-became-activist-fall20-cornell.pdf>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

Tradução recebida em 28/08/2021 e aceita em 14/10/2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License



Quando uma pandemia global, uma crise climática contínua e o autoritarismo americano assustador parecem prometer um futuro sombrio, naturalmente se procura por qualquer raio de esperança. Eventos recentes me encorajaram a dar uma nova olhada em sinais encorajadores ao nosso redor, do ativismo juvenil, e reavaliar minha própria história como uma jovem mulher nos movimentos trabalhistas e anti-guerra durante alguns de nossos anos mais sombrios. Neste artigo, tentarei dar sentido a isso, para uma nova geração, na esperança de que ela possa oferecer algumas perspectivas úteis sobre o cumprimento dos desafios que todos enfrentamos hoje.

Meu ativismo, como tantos outros na minha geração, cresceu a partir das grosseiras contradições entre o que os Estados Unidos supostamente representavam como líder do "mundo livre" e as realidades brutais do racismo sistemático, do sexismo, do classismo e do colonialismo no mundo. Nasci em 1950, o amanhecer de um prometido "Século Americano", na terra natal sul californiana da John Birch Society¹, uma organização anticomunista militante. Foi uma época assustadora. Apenas cinco anos antes, os EUA lançaram bombas atômicas que aniquilaram duas grandes cidades japonesas. E em 1950 a Rússia tinha sua primeira arma nuclear, com mais países logo a seguir. Comecei a primeira série com o filme *O Susto Vermelho*, que nos mostrou que os "comunistas" estavam em todos os lugares e atrás de nós e da nossa "democracia". A ameaça de guerra nuclear com a União Soviética estava sempre no horizonte. Membros do Partido Democrata eram condenados como "comunistas perigosos". Ser um "americano" era ser republicano. Branco significava anglo-saxão, ou a fantasia que você era. Alegações conspiratórias e demonização de qualquer um que pensasse diferente eram princípios fundamentais. Soa familiar hoje?!

Minha mãe me fez pintar o meu cabelo ruivo de loiro antes de entrar no jardim de infância, porque vermelho estava associado a algum tipo de herança irlandesa, sendo um marcador de que não éramos realmente e verdadeiramente "brancos". Havia uma definição incontestável de *mulheres: não se pode fazer*. Mulheres não podem ser advogadas, professoras, bombeiras, cientistas, matemáticas, e assim por diante. Um breve período como professora primária era tudo o que você poderia esperar antes de se estabelecer como esposa

¹ N.T.: na cidade de Indianápolis, Indiana/US.



ou mãe. Então, onde estava a liberdade neste mundo claustrofóbico? Bem, supostamente, ao contrário daquelas pobres pessoas atrás da "cortina de ferro", poderíamos votar.

Em 1956 houve uma grande eleição entre o Presidente Dwight Eisenhower e seu opositor Democrata, Adlai Stevenson. No reduto eleitoral de San Marino, você não poderia sequer votar se você fosse um democrata. Não havia literalmente nenhum democrata na cidade. Conheci pela primeira vez um membro do partido democrático quando tinha 17 anos. Tivemos as prévias na minha turma de primeiro ano. Todos votaram em Dwight Eisenhower. Exceto eu. Não sei por que não votei nele. Não tinha nada a ver com suas políticas, ou que ele era um Republicano, ou que alguém da minha família estava votando nele. Minha avó disse que era porque eu odiava ver alguém excluído de festas de aniversário. Mas tão logo eu decidi isso [por não votar], me mantive nessa posição. Pediram-me para mudar meu voto duas vezes. Quando não o fiz, fui enviada para o escritório do diretor. A preocupação era que eu estava sob influência comunista ou talvez que alguém da minha família fosse um democrata fechado. Minha mãe estava muito chateada. Minha avó foi chamada do trabalho e teve a ideia do aniversário. Tínhamos acabado de começar a ler "*See Dick run and Jane sit and admire him*" então eu obviamente não fui influenciada pela propaganda comunista. Nem estava tentando envergonhar minha mãe. Tudo o que fiz foi votar. A ideologia que tinha se instalado na minha cabeça era que o direito de votar era a razão dos Estados Unidos ser o mundo livre. Alguma coisa estava acontecendo. Claro que aos seis anos eu não tinha ideia do quê. Mas a lição permanecia em algum lugar. Temos o direito de votar, mas não devemos exercê-lo se isso for contra aquilo que todos os vizinhos dizem sobre como você deve se comportar e pensar.

Havia um sopro de ar fresco neste ambiente sufocante – minha avó. Sim, aquela que teve a ideia de aniversário para me tirar da preocupação da escola de que eu tinha sido contaminada pela influência comunista. Minha avó era uma filha de imigrantes alemães, um ferroviário ferido e uma trabalhadora doméstica. Ela foi forçada a deixar a escola aos 13 anos para sustentar sua família em fábricas exploradoras (*sweatshops*), que é o que vários locais de trabalho não sindicalizados ainda são. Foi ideia dela mudar a família para a Califórnia, onde conseguiu um emprego com encadernação de livros, em uma empresa chamada Kellow-Brown. Ela viu um emprego em escritório, pulou nele e conseguiu. No que de início parece



ser a versão feminina da história de Horatio Alger, ela se casou com o presidente da empresa que também era de origem pobre.

Mas a tragédia ocorreu no 10º ano de seu casamento quando ele morreu, numa tarde, de um ataque cardíaco. Era 1931, o auge da depressão. Claro que a pergunta veio: quem se tornaria presidente da empresa? Três semanas após a morte do marido, ela foi para Kellow-Brown e disse que se tornaria presidente e foi isso. Dizer que isso era incomum é um eufemismo. As mulheres não tinham gráficas. Ponto final. Mas ela tinha e foi a única mulher presidente de uma gráfica pelos próximos 50 anos. Ela entendeu que muitos não gostariam de trabalhar com uma mulher, e eles poderiam sair sem ressentimentos. Mas qualquer um que ficasse não seria demitido ou colocado em disponibilidade. Ela manteve essa promessa. Então aqui estava uma mulher que viveu sua vida contra o "não pode fazer" e ela deixou claro que eu também poderia.

De Rebelde a Ativista

Talvez minha avó estivesse certa. Se eu fosse guiada por alguma coisa, era um vago princípio de não exclusão e uma revolta contra o que eu via como autoritarismo arbitrário. Na oitava série parei de ouvir sinos que nos orientavam a mudar de classe, correndo horas de detenção porque eu estava atrasada para todas as aulas. Foi uma crítica de que eu era mais do que uma máquina de resposta automática. Mas no ensino médio eu retomei a questão da votação.

Em 1954, *Brown vs. Board of Education* – o caso-paradigmático da Suprema Corte contra o racismo sistemático, desafiou uma das leis básicas de *Jim Crow* – a doutrina do “separados, mas iguais”, que segregavam afro-americanos em escolas em todos os níveis de educação. Ao declarar a inconstitucionalidade da doutrina, SCOTUS² não derrubou o paradigma de 1896 do caso *Plessy vs Ferguson*, que tinha confirmado o código segregatório de Jim Crow. Nos EUA, a Suprema Corte segue o precedente dos tribunais anteriores, então como *Brown* derrubou a estrutura jurídica do “separados, mas iguais”, sem derrubar abertamente o caso anterior? O que o tribunal fez em vez disso foi usar estudos sociológicos

² N.T.: SCOTUS é a sigla para *Supreme Court of the United States*.



para mostrar que o “separados, mas iguais” nunca poderia entregar igualdade aos afro-americanos e, portanto, era inconstitucional. *Brown* era então e agora é a palavra final sobre a ideia de que “separados, mas iguais” fazia qualquer coisa senão entregar uma imitação grotesca do que a educação é para os jovens afro-americanos.

A conhecida Little Rock, Arkansas foi integrada, com bravos estudantes afro-americanos enfrentando o ódio branco na forma de ataques físicos violentos, com garrafas e qualquer outra coisa que a "máfia" branca pudesse pegar. A Guarda Nacional foi chamada para intervir. Mas a integração racial completa e duradoura foi alcançada? Longe disso. A ameaça de integração tornou-se a força motriz do voo branco das cidades e do zoneamento excludente nos subúrbios. Em 1964, a Lei dos Direitos Civis foi aprovada e no ano seguinte a Lei dos Direitos de Voto, uma grande vitória para os Cavaleiros da Liberdade (Freedom Riders) e o que se tornou popularmente conhecido como o movimento dos direitos civis, ativistas afro-americanos e diversos grupos aliados, após muitos anos literalmente arriscaram a vida para finalmente permitir a todos – seja qual fosse a raça ou etnia – a se sentirem seguros para votar e aproveitar a igualdade de direitos de cidadãos. Mas a triste realidade é que a doutrina *Brown* sozinha não pode garantir a completa integração escolar. Essa falha levou a NAACP a convocar estudantes brancos a se recadastrarem voluntariamente em todas as escolas locais negras. Respondi ao chamado deles e tentei me matricular na South Pasadena High School, a maior escola negra perto da minha casa, mas meus pais não me deixaram ir. Foi apenas em 1971 que a Suprema Corte, em *Swann V. Charlotte-Mecklenburg Board of Education*, tentou corrigir essa falha, por meio do transporte interescolar. Isso infelizmente foi combatido tão amargamente por pais brancos e pautado com resistência por políticos conservadores durante a década de 1970 que fez desaparecer uma possibilidade real de alcançar a integração.

Aos 15 anos, me ofereci para registrar afro-americanos para votar em Pasadena do Sul. É um mito que apenas no Sul aos afro-americanos foram negados o direito de votar. O reduto eleitoral e a opressão total de afro-americanos assombraram todo o país. A privação de direitos foi um problema nacional que foi finalmente reconhecido como tal com a Lei dos Direitos de Voto. Tragicamente, nossa atual Suprema Corte de direita recentemente estripou



disposições-chave dessa lei³. Mais uma vez, parece que estamos encarando à hipocrisia de um país, que se coloca como "livre", enraizado no direito de voto, negando totalmente esse direito aos afro-americanos.

Ativismo anti-guerra e antirracista

Eu fui para a faculdade em 1968 no auge da Guerra do Vietnã, quando movimentos estudantis de massa varreram o país. No ano anterior, o ator e garoto-propaganda Ronald Reagan foi eleito governador da Califórnia. Tão feroz em sua retórica pró-guerra quanto em denunciar programas anti-pobreza, "socialismo" do Medicare e "imigrantes ilegais", Reagan passou os oito anos seguintes construindo uma plataforma para concorrer à Casa Branca e alimentando o Partido Republicano na multidão plutocrática de extrema direita que vemos hoje. Eu me matriculei primeiro na Faculdade Scripps, que naquela época era um bastião só de mulheres no grupo de Faculdades Claremont, não muito longe da minha casa de infância. Lá, outra questão principal foi a luta para criar um Departamento de Estudos Negros, ao qual eu rapidamente me juntei. Mas o centro do ativismo estudantil na Califórnia era o nexo UC Berkeley-Stanford ao Norte. Em 1969, o governador Reagan ordenou que a Guarda Nacional acabasse com o movimento anti-guerra de Berkeley ocupando a cidade por mais de duas semanas. Em seu jeito sorridente e tão genial, o Grande Comunicador disse: "Se for preciso um banho de sangue, vamos acabar com isso. Sem mais apaziguamento!"⁴. No ano seguinte, minha melhor amiga e eu nos transferimos para Stanford. Deixei Scripps não só como uma ativista comprometida, mas também marxista.

Em 1970, 54.900 soldados americanos haviam morrido lutando nas selvas do Vietnã⁵. As mortes de vietnamitas, cambojanos e laosianos foram estimadas em 2,5 a 3,6 milhões. A força aérea do meu país bombardeava diariamente o [outro] país com munições que totalizaram mais de três vezes a potência das bombas lançadas sobre o Japão em toda a

³ N.T.: Cornell aqui se refere a uma série de decisões que vem sendo tomada pela Suprema Corte que culminaram no caso *Brnovich v. Democratic National Committee*. Esse caso foi concluído após a publicação do texto original da filósofa, mas corresponde à ideia de que ela aqui pretende passar.

⁴ CANNON, Lou. *Governor Reagan: His Rise to Power* (Public Affairs, 2003).

⁵ U.S. National Archives, Vietnam War U.S. Military Casualty Statistics (2008): www.archives.gov/research/military.



Segunda Guerra Mundial. E estava pulverizando desfolhantes químicos tóxicos em vastas faixas da paisagem rural, matando plantações e apagando vegetação da selva para dar bombardeios a alvos humanos mais claros. Esse ecocídio estava simultaneamente causando doenças a longo prazo tanto da população residente quanto dos exércitos invasores.

Stanford, logo soubemos, estava de olho em projetos de pesquisa relacionados à guerra. Localizados no Palo Alto, no coração do Vale do Silício, onde tanto na época como agora seus professores e graduados da escola de engenharia elétrica e de negócios construíram muitas das empresas dominantes de alta tecnologia e seus fornecedores. Seu conselho de curadores estava lotado de chefes corporativos, incluindo grandes empreiteiros de defesa como a Lockheed. Seu Laboratório de Eletrônica Aplicada (AEL) contou com pesquisas secretas para mais de um terço de seu financiamento. A poucos metros do campus no Parque Industrial de Stanford, o Stanford Research Institute atraiu metade de seu financiamento do Departamento de Defesa [dos EUA] – incluindo projetos de armas químicas e biológicas (CBW).

Jovens pesquisadores ativistas do Centro de Estudos do Pacífico, no leste de Palo Alto, documentaram tudo isso em detalhes impressionantes, inundando o *campus* com apostilas regulares que encontraram seu caminho em debates de movimento quase diários e reuniões de planejamento⁶. Um em particular provocou uma aceleração dramática do fervor anti-guerra de Stanford. À medida que os protestos do campus sobre os contratos de guerra do Stanford Research Institute aumentavam, cinco membros do conselho curador relutantemente concordaram em falar em uma grande reunião do *campus* em março de 1969. Antes da reunião, os pesquisadores encontraram evidências de que o membro do conselho William Hewlett (co-fundador da Hewlett-Packard) também estava no conselho da FMC Corporation⁷. Quando Hewlett apareceu com os outros curadores, um estudante ativista perguntou-lhe à queima-roupa se era verdade que a FMC estava fabricando gás nervoso para a guerra. Depois de inicialmente negar, Hewlett finalmente admitiu que estava, em uma planta que vendeu ao governo alguns meses antes. Centenas de estudantes indignados

⁶ Pacific Studies Center irá, mais tarde, trazer meu parceiro (vamos chamá-lo de “E”) a bordo para pesquisar sobre trabalho e questões de trânsito.

⁷ N.T.: FMC Corporation é uma companhia química estadunidense atualmente sediada na Filadélfia, Pensilvânia.



saíram da reunião e iniciaram uma tomada pacífica da AEL, encerrando sua pesquisa secreta por nove dias.

O movimento aumentou quando os Estados Unidos invadiram e mais tarde bombardearam o Camboja. A guerra estava se expandindo. Meu parceiro E. e eu estávamos fora todas as noites participando das manifestações em massa e participando de protestos durante o dia. Os protestos foram contra a Guerra do Vietnã, certamente, mas mais especificamente contra o próprio aproveitamento de Stanford como parte da máquina de guerra. O movimento estudantil efetivamente fechou a universidade durante várias semanas. Janelas quebradas foram fechadas com tábuas e slogans antiguerra foram pintados com spray no *think tank* de direita/asilo no Hoover Tower.

Por todas as suas inevitáveis deficiências e contratempos, nosso movimento estudantil conseguiu algumas vitórias duradouras. Para acabar com as interrupções e a horrível publicidade nacional, o Conselho de Curadores de Stanford foi forçado a cortar a conexão entre a Universidade e o Stanford Research Institute, depois de renomeá-la SRI. E eles concordaram em proibir todas as pesquisas confidenciais em Stanford - uma proibição que continua até hoje.

Então a administração de Stanford nominalmente "liberal" retaliou. Houve uma manifestação no hospital de Stanford que envolveu a destruição de propriedades na criação de barricadas contra a polícia. Nem E. nem eu estávamos envolvidos naquela manifestação. O jornal estudantil, o Stanford Daily, estava lá tirando fotos. A administração exigiu as fotos dos manifestantes que tinham destruído abertamente a propriedade. O jornal recusou, reivindicando a liberdade de imprensa e a proteção da 4ª emenda contra apreensões ilegais. Uma ação judicial movida pela administração concedeu um mandado de busca limitado apenas para essa manifestação e para aqueles pegos no ato de destruir bens. Se bem me lembro, o mandado de busca permitia cerca de 10 fotos. Mas Stanford não seguiu o mandado de busca limitado. Em vez disso, coletou centenas de fotos de muitas manifestações diferentes e suspendeu aleatoriamente mais de cem estudantes. Eu era um desses suspensos.

Naquela época, E. e eu tínhamos nos juntado a um grupo marxista-leninista, *Venceremos*, um grupo separado da União Revolucionária. A separação teve a ver com o compromisso de *Venceremos* com a "liderança do terceiro mundo" e a primazia de lutas anti-imperialistas e antirracistas. Concretamente, isso significava que *Venceremos* estava



empenhado em defender o Partido dos Panteras Negras, que estava sob ataque brutal, incluindo os assassinatos de membros-chave. Se e quando fosse necessário, a organização estava comprometida com a autodefesa armada dos Panteras. É claro que o movimento antiguerra sempre teve um componente antirracista, embora mais forte em algumas partes do movimento estudantil do que em outras. Afinal, foram apenas "gooks"⁸ sendo mortos no Vietnã, não seres humanos. Em *Venceremos*, o antirracismo foi incorporado à liderança do terceiro mundo.

Como parte da retaliação da administração de Stanford contra o movimento antiguerra, eles fizeram de alvo o professor H. Bruce Franklin, um veterano da força aérea e Doutor por Stanford, que se tornou um membro de alta produção acadêmica, titular no Departamento de Inglês da Faculdade. Mas ele era também um orador eloquente antiguerra e um líder do *Venceremos*. No início de 1971, pesquisadores estudantes descobriram que a Marinha dos EUA estava financiando um projeto SRI sobre estratégia de ataque naval (Gamut-H) no Centro de Computadores de Stanford. Em 10 de fevereiro, Franklin juntou-se a outros oradores em um comício público para apoiar uma marcha e ocupação do edifício. O reitor da Universidade, Richard Lyman, imediatamente organizou audiências para puni-lo. A única acusação que eles poderiam chegar foi que seu discurso supostamente "incitou" todos nós, aparentemente, estudantes e funcionários de Stanford para ocupar pacificamente o prédio. E. e eu oferecemos nosso apoio como testemunhas e contatamos jornalistas proeminentes para divulgar o ato ultrajante de supressão da liberdade de expressão, levando a um grande artigo da New York Times Magazine⁹. Incrivelmente, um protesto generalizado não foi capaz de impedir a administração da universidade de demiti-lo¹⁰.

Parte do nosso compromisso político, como socialistas revolucionários no único grupo marxista que encontramos, era rejeitar a classe – e o privilégio de pele branca. Nos partidos marxistas-leninistas, parte da forma como se rejeitava a inserção na classe privilegiada, ou burguesia, era abandonar essa classe e se mudar para a classe trabalhadora.

⁸ N.T.: Termo pejorativo usado pelos EUA para denominar os grupos de resistência no Vietnã.

⁹ LAMOTT, Kenneth, "In the Matter of H. Bruce Franklin," New York Times Magazine (1/23/1972).

¹⁰ Em maio de 2019, já com 85 anos, Bruce Franklin retornou a Stanford, impenitente, para dar uma palestra a graduandos e publicizar sua nova obra: Franklin, H. Bruce. *Crash Course: From the Good War to the Forever War* (Rutgers U. Press, 2019). Após sua demissão em 1972, ele passou três anos como *persona non-grata* na academia, antes de ser contratado na faculdade no campus de Newark, da Universidade de Rutgers. Para outro livro de memórias bem escrito, mas nitidamente contrastante desses eventos praticados pela Universidade de então.



Eu levei esse mandato para rejeitar o privilégio de classe muito a sério. Enquanto meu ativismo esgotava a maior parte das minhas horas de vigília, Stanford me suspendeu. Eu nunca mais voltei. Decidi trocar a classe acadêmica pela classe trabalhadora, e de alguma forma me convenci a ser contratada como trabalhador de linha em uma fábrica local de eletrônicos chamada Antex.

A Campanha Sindical do Vale do Silício

Em 1970, quase um terço dos trabalhadores na Califórnia era membro do sindicato. A participação sindical foi ainda maior em estados como Indiana, Michigan e Washington. Em todo o país, 27,8% dos trabalhadores ainda tinham proteções sindicais: salários acima da média, benefícios, medidas de segurança, dias de doença remunerados, procedimentos de reclamação e uma voz sobre suas vidas laborais. Desde então, a fração de trabalhadores nos sindicatos caiu mais da metade. Na Califórnia, a participação caiu de 30,5% para 15,2% hoje, enquanto em todo país a participação caiu para 10,3%¹¹. Como isso pode ser, quando pesquisas de opinião pública mostram que uma parcela crescente de adultos americanos são pró-sindicato – dois terços de acordo com a última Pesquisa Gallup? Evidências crescentes de pesquisa apontam para duas forças, exclusivamente americanas: ataques implacáveis ao poder dos trabalhadores por políticos de direita, falsos populistas e por sofisticados sindicalistas corporativos¹².

Como o Vale do Silício tem produzido cada vez mais gigantes corporativos competindo por riquezas tecnológicas, uma fonte de longa data de unidade de elite tem promovido a antipatia aos direitos trabalhistas. Por trás da modernidade, fachada sem janelas de muitos de seus fornecedores eletrônicos como a Antex não havia nenhum palácio de trabalho antisséptico e brilhante de técnicos mimados. Em vez disso, havia parte de uma rede de fábricas resolutamente não-sindicalizadas, que produziam seus bilhões em lucros antes da

¹¹ US Bureau of Labor Statistics. Union Members – 2019 (BLS, January 2020): www.bls.gov. Os dados estimados de 1970 são de: Hirsch, Barry, et al., “Estimates of Union Density By State,” *Monthly Labor Review* (7/2001).

¹² MISHEL, Lawrence, et al. “Explaining the Erosion of Private Sector Unions,” *EPI Report* (7/2020)



produção de eletrônicos se mudar para uma força de trabalho ainda mais explorada no exterior.

A minha é uma história de uma época em que os trabalhadores ainda tinham muito mais direitos sob a Lei Nacional de Relações do Trabalho, a lei pró-sindicato sancionada por FDR¹³, em 1935 em meio às grandes greves industriais. A força de trabalho da Antex era quase inteiramente composta por mulheres de cor, muitas delas imigrantes indocumentadas. Havia também uma forte presença afro-americana, mas apenas uma mão cheia de mulheres brancas. Todas as trabalhadoras eram mulheres, vistas como melhores para as funções em razão de seus chamados dedos ágeis. A necessidade desesperada de aceitar salários de pobreza para tentar sustentar suas famílias também pode ter tido algo a ver com isso. Não havia refeitório. Nada de máquinas de venda automática. Almoçávamos em meia hora. O único restaurante perto da fábrica era um McDonalds com um drive-thru. Era uma corrida para pegar a comida, mais ainda para comê-la. Tínhamos uma pausa de cinco minutos. Não havia benefícios. Sem licença médica e certamente nada tão grandioso como licença maternidade. Era a materialização de uma fábrica exploradora.

Eu trabalhava no turno da noite, das 16h à meia-noite. As mulheres brancas trabalhavam na chamada sala de ácido, onde nosso trabalho era transformar matérias-primas em peças eletronicamente condutivas para computadores. Trabalhávamos sem roupas de proteção. A fumaça na sala era horrível. Respirar era extremamente difícil. Olhos regados, a tosse vinha com a respiração. Havia incêndios frequentes. Nós os apagávamos à moda antiga, batendo de volta as chamas com o que pudéssemos encontrar. Finalmente exigimos um extintor de incêndio. Era um pesadelo trabalhar naquela sala. A grande maioria das trabalhadoras eram classificadoras de corantes. A triagem de tingimento envolve a triagem de partículas microscópicas por cor com um microscópio. Danos nos olhos eram um perigo sério e nós iríamos descobrir mais tarde que, por causa da ameaça aos olhos, classificadoras de corante deveriam ter uma pausa a cada hora para descansar seus olhos. Claro que os gerentes não permitiam isso.

Eu me aproximei de outra trabalhadora do turno da noite, P., que trabalhava em uma das máquinas. Ela tinha várias amigas e familiares trabalhando em nosso turno, bem como

¹³ N.T.: Franklin D. Roosevelt



nos turnos do dia e da madrugada. Concordamos em formar um grupo para discutir o que poderíamos fazer para lutar contra as condições perigosas na fábrica. O grupo era majoritariamente mulheres afro-americanas e o núcleo desse grupo se manteve na liderança do sindicato-organizando durante toda luta. Aqui é onde a história se torna datada. Decidimos que nossa melhor opção era apresentar uma queixa a OSHA, listando tudo o que vimos como violações de saúde e segurança. A Lei de Segurança e Saúde Ocupacional (OSHA) [Occupational Safety and Health Administration Act] foi sancionada em 1970 por Richard Nixon. A lei criou uma nova agência e muito ativa, com um número de jovens idealistas se inscrevendo para trabalhar como agentes na área. Nós enviamos nossa queixa anonimamente, o que é crucial para este processo. Dois dias após a denúncia, dois agentes apareceram sem avisar. Os agentes às vezes faziam visitas surpresas sem que uma denúncia fosse apresentada, e claro, dado o anonimato, a empresa não foi informada de quem apresentou a denúncia ou mesmo que uma denúncia havia sido apresentada. A OSHA ainda existe, mas é terrivelmente subfinanciada e está irreconhecível como a agência que já foi em 1973. O enfraquecimento da eficácia da OSHA faz parte de uma longa história dos ataques brutais aos direitos dos trabalhadores neste país. Mais sobre isso depois.

Ficamos entusiasmadas quando a OSHA apresentou mais de cem violações contra a empresa e deu-lhes um mês para corrigi-las. Nunca esquecerei o dia em que aquelas de nós, na sala de ácido, receberam roupas de proteção. As classificadoras de corante receberam suas quebras ordenadas por lei. A fábrica estava imunda, infestada de insetos e às vezes ratos. A solução da empresa era conseguir um gato, que algumas de nós chamamos de Jerry, mas isso foi muito trabalho para um gato. O almoço foi estendido por 15 minutos. Ainda era uma fábrica exploradora, mas tínhamos vencido esta grande batalha com a ajuda de agentes comprometidos da OSHA.

Logo após a vitória com a OSHA, minha suspensão de Stanford foi anulada com todos os outros estudantes suspensos, devido à violação da universidade ao limitado mandado de busca do jornal estudantil. Professor Anthony Amsterdam, um litigante constitucional e depois professor da NYU, representou a classe de graça e nossas suspensões foram apagadas de nossos registros. Mais uma vez isso data a história porque Amsterdam, um brilhante e generoso advogado constitucional, estava trabalhando com uma 4ª emenda muito diferente. A Constituição dos EUA, desde o 11 de setembro e da aprovação do Ato Patriota, foi



significativamente enfraquecida. Buscas aleatórias são o nome do jogo agora para proteger "nossa segurança". Eu tinha apenas algumas disciplinas para completar para me formar, mas estava muito envolvido na luta na Antex para voltar às aulas.

Costuma-se dizer que a opressão gera resistência, mas na minha experiência é o empoderamento. Nos sentíamos empoderadas sempre que olhávamos para as novas proteções de segurança. Não havia sindicatos no Vale do Silício, o que provavelmente ajuda a explicar o número de bilionários que são espalhados nas páginas dos jornais. Mas decidimos ser as primeiras, com a esperança de que outros trabalhadores seguissem nosso exemplo. Havia agora nove de nós em nosso grupo que incluía as cinco membras originais e duas latinas que haviam se juntado. Nós nos declaramos um comitê organizador do sindicato e nos aproximamos dos Trabalhadores Automotivos Unidos (United Auto Workers). Eles concordaram entusiasticamente em nos apoiar. Um organizador da UAW foi designado para nós.

Começamos o árduo processo de filiação sindical. Algumas das trabalhadoras que não tinham documentos tinham medo de se filiar por medo da deportação. Nós as encorajávamos a vir às reuniões no local. Naquela época, uma vez que uma unidade sindical foi anunciada, o empregador teve que permitir reuniões na fábrica e dar às trabalhadoras a garantia de dispensa do trabalho, sem corte de ponto, para participar. Tivemos três dessas reuniões, que contaram com um ótimo quórum de participação. Afinal, por que não tirar um tempo do trabalho com salário para ouvir sobre o sindicato? Nenhuma de nós era palestrante público experiente, então alternávamos. Eu estava tão nervosa, que caí em uma cadeira dobrável, mas continuei falando mesmo assim. Para concorrer a uma eleição, um terço dos trabalhadores tem que se filiar. Tínhamos mais de 50%. Claro que as reuniões no local nos ajudaram a espalhar que tínhamos um sindicato nos apoiando. Mais uma vez isso data a história. Reuniões no local como uma questão de lei foram perdidas há muito tempo. É uma grande perda.

A UAW anunciou à empresa que eles estavam pedindo uma eleição. Dois dias depois, P. foi demitida sem nenhuma boa razão, supostamente por insubordinação. Ela se recusou a deixar o local com base no fato de que estava sendo demitida ilegalmente por causa de seu ativismo sindical. Soube sobre o que estava acontecendo com P. e fui para o escritório do chefe. Eu fui prontamente demitido por insubordinação também. Também me recusei a



deixar o local. A polícia foi chamada para nos prender por invasão. Corremos para o banheiro feminino para colocar nossas cabeças juntas sobre o que fazer a seguir. A polícia começou a chamar para que saíssemos. Decidimos que a única coisa a fazer era atacar. P. disse que tentaria segurar a polícia com a única arma na mão, absorventes usados, e quando ela visse uma chance ela iria correr para a área de produção e anunciar a greve. Deu certo. A polícia recuou, pelo menos por um tempo. Eu saí pela janela para anunciar às trabalhadoras do prédio B que estávamos em greve. Uma das trabalhadoras desligou o interruptor elétrico principal. O prédio ficou escuro e silencioso. Acho que muitas de nós estavam quase com medo do nosso poder. E então todas nós começamos a nos animar. Nos deslocamos e todas nós marchamos para o prédio A, onde P. também tinha chamado a greve. Ninguém permaneceu do lado de dentro. Estávamos alegres. Dissemos à polícia que estávamos em greve e era nosso direito fazer manifestações no local. Estávamos legalmente certos. Em 1973, o direito de greve realmente significava algo.

O próximo passo foi chamar o representante da UAW. Uma greve espontânea é conhecida como greve dos gatos selvagens. Queríamos que a UAW nos apoiasse. Dirigi até um telefone público e liguei para o sindicato para dizer que estávamos em greve porque P. e eu fomos demitidas pelo nosso ativismo sindical. Nosso representante sindical chegou algum tempo depois. Não tínhamos sinais, mas continuamos cantando e cantando até ele chegar. Até aquele momento, a greve só incluía o segundo turno. Naquela noite, vários de nós dormiram no meu apartamento que eu dividi com E. Pela manhã, a UAW havia concordado em apoiar a greve e contratar P. e eu como organizadoras temporárias para ajudar com os próximos passos da unidade sindical. Ficamos emocionadas. A UAW tinha um fundo de greve que foi oferecido para trabalhadores em greve, para ajudar com suas despesas. Poucos sindicatos têm esses fundos agora.

Na manhã seguinte, P. e eu fomos com panfletos chamar as trabalhadoras do dia para se juntarem a nós. Naquela noite, fomos ao turno da madrugada com a mesma mensagem. A UAW apresentou uma série de práticas trabalhistas injustas, incluindo as demissões sofridas por P e por mim, e intimidação geral das trabalhadoras. Eles também pediram uma eleição rápida. Passamos de uma greve de gatos selvagens para uma greve sindical legítima contra práticas trabalhistas injustas. Mas tivemos apenas semanas para convencer as trabalhadoras a votar em favor do sindicato e manter a greve, com a empresa fechada. Normalmente, um



agente da NLRB¹⁴ investigaria as acusações de práticas trabalhistas injustas, para ver se há provas suficientes para realizar uma audiência formal. Tivemos outro problema. Sabíamos que trabalhadoras sem documentos tinham sido ameaçadas de deportação, então elas não estavam dispostas a falar com um agente do governo.

Em 1973, trabalhar para o Conselho Nacional de Relações Trabalhistas [NLRB] era uma boa opção para uma advogada progressista. Nosso advogado foi incrível. Ele concordou em se reunir com o maior número possível de trabalhadoras que tinham sido ameaçadas de deportação. Nos conhecemos em uma rua deserta e ele concordou em ser vendado. Ele ouviu atentamente as histórias. Só pudemos mobilizar um punhado de trabalhadoras, mas ele decidiu que elas eram convincentes e que elas mostraram um padrão de discriminação que justificava uma eleição urgente. Para colocar ainda mais pressão sobre os chefes, tivemos meu parceiro a se candidatar a uma vaga como um classificador de corantes. Ele foi, naturalmente, recusado porque ele não tinha "dedos ágeis", então nós entramos com uma ação de discriminação de gênero nos termos do capítulo 7 da Lei de Direitos Civis.

E. e eu tínhamos um caminhão telefônico usado. Alguns do Comitê Organizador ficaram em nossa casa em parte por segurança em números, para que pudéssemos nos juntar à linha de frente da greve juntos. As coisas ficaram assustadoras e vários de nós receberam ameaças de morte. A solidariedade nos ajudou a reforçar nossa coragem. Meu parceiro E. sempre entrou para a linha de frente greve. Trabalhamos 24 horas por dia, 7 dias por semana para manter a greve. Chegou o dia da eleição. Como esperado, algumas trabalhadoras estavam com muito medo de aparecer, mas tinham o suficiente para que a eleição pudesse ir adiante. E ganhamos por uma margem significativa, o que nos ajudaria nas negociações.

Nós aparecemos para negociações alguns dias depois de nossa vitória. P. e eu fomos eleitas para a comissão de negociação. Nossa representante da UAW estava conosco. O que encontramos? A empresa tinha fechado e se mudado. Não tínhamos ideia para onde a empresa tinha ido. O boato era a Coreia do Sul. Ficamos chocadas e horrorizadas. Sim, desmoralizadas. A empresa tinha encontrado novos "campos" de mão-de-obra mais barata. Agora temos como certo que todos os nossos brinquedos eletrônicos chiques são

¹⁴ N.T.: National Labor Relations Board – Conselho Nacional de Relações Trabalhistas. Agência governamental estadunidense.



terceirizados para outros países, mas em 1973 não era o caso. Perdemos uma batalha. Mas a experiência de lutar lado a lado, em bons e maus momentos, o tempo todo criando novas formas de solidariedade, me mudou para sempre e eu gosto de pensar que fez isso para muitas outras que participaram. Essa espécie de ação coletiva não é apenas uma memória que você carrega em sua cabeça. A experiência de sair da fábrica juntas, sentindo nosso próprio poder para fechar a fábrica, vivendo e lutando dia após dia na linha de frente da greve foi vivida como uma nova maneira de ser humana juntas. Isso ficou comigo.

Organização Sindical em Columbia

Não foi surpresa, então, que quando E. e eu nos mudamos para Nova Iorque, em 1973, eu rapidamente me envolvi no movimento sindical administrativo que havia decolado na cidade, bem como em outras partes do país¹⁵. E. teve o infortúnio de ter uma data de nascimento que o colocou nas primeiras posições na loteria e, em seguida, passou no teste físico com facilidade. Próxima parada: Vietnã! Mas ele solicitou e foi concedido *status* de “objeto consciente”. Ele teve que cumprir dois anos de serviço comunitário. Depois disso, ele se inscreveu para a graduação em Economia na Universidade de Columbia. Eu fui contratada na Columbia como telefonista. A unidade sindical dos trabalhadores administrativos na Columbia já estava a todo vapor. Uma das operadoras de telefonia, M., me perguntou se eu queria participar de uma reunião do sindicato e, claro, eu disse que sim. Nós duas nos tornamos ativas, filiando trabalhadores administrativos para o sindicato, incluindo os operadores que trabalhavam conosco. O sindicato era o Distrito 65 que na época era independente. Só mais tarde o Distrito 65 se fundiu com a UAW. Nossas atividades sindicais eram muito conhecidas, que achamos que nos protegeriam, um pressuposto ingênuo, sem dúvida. Eu estava acostumado a ser plenamente apoiada pelo sindicato e pensei que um forte apoio sindical impediria a Columbia – uma universidade, não uma fábrica exploradora – de violar a lei. Errado!

¹⁵ Ver o excelente documentário de Julia Reichert & Steven Bogner's de 2020 sobre a história da organização de mulheres trabalhadoras assistentes: “9 To 5: The Story of a Movement”.



M. foi chamada e demitida primeiro. Em nosso sistema de "emprego à vontade", aos chefes nunca faltam desculpas para demitir um trabalhador. Eu fui testemunhar a demissão de M. sob uma das regras de emprego da universidade. Fui prontamente demitida, e nossa chefe cometeu um erro. Ela anunciou que eu seria a próxima de qualquer maneira como a outra "encrenqueira". " Nós nos recusamos a sair, encorajando os outros operadores a sair conosco. Eram operadoras de telefonia à moda antiga, então se saíssemos ninguém poderia ligar para a universidade, um inconveniente muito grande. Nossa chefe ligou para os seguros que já estavam sindicalizados e se recusaram a nos remover. Em algum momento nossa chefe chamou seus superiores na universidade. A polícia foi chamada e fomos escoltados para fora do campus. Nós prontamente pegamos o trem para o escritório do sindicato, na época localizado em Astor Place, no West Village. O sindicato concordou que tínhamos um caso forte, particularmente dada a linguagem da nossa chefe, e apresentou uma queixa ao NLRB. Desta vez tivemos que passar por uma audiência formal. O principal papel do advogado antissindical é desacreditar a integridade e a confiabilidade do trabalhador. Tanto M., quanto eu, ficamos no banco dos réus por horas com pequenos supostos detalhes sobre nossas vidas usados contra nossa credibilidade. Levou cerca de dez meses para ganhar no nível do escritório regional do NLRB. A Universidade apelou para o Conselho Nacional (NLRB) e, embora tenha demorado mais de um ano, ganhamos novamente.

Agora tivemos em um julgamento formal de que nossas demissões eram práticas trabalhistas injustas. Nos reunimos com outros partidários do sindicato nos degraus da Biblioteca de Lowe e marchamos triunfantemente para o escritório do emprego. Em vez de sermos recontratadas, a polícia foi chamada e fomos presas por invasão. Estávamos em choque – o Conselho Nacional (NLRB) exigiu nossa recontração como uma questão legal. Como podemos ser presas?

Foi quando soubemos que o NLRB não tem poder de execução independente. O que isso significa concretamente? O empregador não precisa tomar nenhuma ação legal contra um acórdão da NLRB, porque a NLRB não pode impor seu próprio julgamento. O Conselho tem que levar a ordem através dos tribunais federais para obter uma ordem de execução. Neste caso, foi até o Suprema Corte que negou jurisdição, o que significava que a ordem do Conselho Nacional (NLRB) se manteve e fomos recontratadas. Oito anos se passaram. M. e eu fomos recontratadas. M. tinha completado seu treinamento de enfermagem e eu tinha me



tornado uma professora de Direito. Decidimos não voltar aos nossos empregos como operadoras telefônicas. Levou dez anos para os assistentes administrativos conseguirem que a Columbia assinasse um acordo, mas eles assinaram. A nossa foi uma das primeiras de muitas práticas trabalhistas injustas cometidas pela universidade. Mas depois de anos e anos de uma luta amarga, os assistentes administrativos ganharam. Eles finalmente não só ganharam a eleição sindical, mas também negociaram com sucesso um acordo. Dez anos depois da minha demissão, me pediram para voltar aos degraus da Biblioteca de Lowe para celebrar a vitória. Fiquei emocionada em fazê-lo.

Sindicato dos Assistentes Administrativos de Nova Iorque.

Depois da nossa "prisão" na Universidade de Columbia, a polícia nos deixou ir assim que chegamos à delegacia. Nós passamos a buscar outros empregos. M. voltou para a escola de enfermagem e fui contratada como parte da equipe do Distrito 65. Claro que tivemos nosso caso na NLRB para lidar nos primeiros anos após nossa demissão. M. e eu formamos um grupo de conscientização que se reunia no apartamento dela no Sul do Bronx duas vezes por mês. Nessa época, nós duas nos consideramos feministas. A ascensão dos trabalhadores administrativos – então uma força de trabalho quase toda feminina – foi vista por muitos, incluindo eu, como parte do movimento das mulheres. Foi um momento emocionante, com muitos técnicos administrativos começando unidades sindicais em seus locais de trabalho. Como organizadora, eu não estava mais lá dentro, na área de trabalho. Ainda assim, fui enviada para reuniões sindicais e, particularmente, para negociações com os organizadores sêniores.

Uma das grandes vitórias para o sindicato foi o bem-sucedido acordo sindical com a Metropolitan Life, uma das maiores corporações de seguros de vida do país. A empresa se recusou a negociar seriamente, usando todos os truques para evitar uma discussão séria das demandas dos trabalhadores. Empregadores e advogados aprendem esses truques muitas vezes em seminários antissindicais. E. e eu nos inscrevemos em um desses seminários, obviamente sob outras personas. Nós dois ficamos horrorizados com as lições explícitas sobre como infringir a lei e sair impune. As negociações pararam. Os trabalhadores da Metropolitan



Life bravamente entraram em greve. A greve se arrastou semana após semana. Havia um fundo de greve, mas era menos do que a UAW e havia 5 ou 6 vezes mais trabalhadores do que havia na Antex. O presidente do sindicato, David Livingston, decidiu que o Distrito 65 não poderia mais sustentar a greve. Eu estava nas linhas de frente da greve quase todos os dias e participei de reuniões de negociação. Os trabalhadores realizaram uma reunião votando para continuar a greve. Eles estavam determinados a resistir contra o bloqueio da empresa. Um dos pontos de negociação foi sobre a licença maternidade remunerada. A empresa se recusou a ceder.

O sindicato convocou uma reunião e deixou claro que eles não poderiam mais financiar a greve e que alguns benefícios básicos haviam sido ganhos, incluindo uma política de maternidade limitada. Eu sabia que não era o caso. Levantei minha mão. Eu estava sentado na primeira fila com alguns dos outros organizadores. Eu disse aos trabalhadores que era verdade que o sindicato estava ficando sem recursos para sustentar a greve, mas não era verdade que qualquer política de maternidade de um tipo estava no projeto de acordo. Eu tinha sido profundamente influenciada pela grande revolucionária Rosa Luxemburgo e aquilo, mentir abertamente para os trabalhadores, parecia ser contra tudo o que ela tinha ensinado. No dia seguinte, David Livingston me demitiu por me recusar a fazer.

Voltei para a linha de frente da greve da Metropolitan Life e disse-lhes que não participaria mais da campanha do sindicato porque tinha sido demitido por David Livingston. No dia seguinte, trabalhadores da Metropolitan Life e outros trabalhadores sindicalizando com o Distrito 65 lançaram uma linha de frente ao redor do escritório do sindicato em Astor Place. Eles foram implacáveis. Três dias de greve levaram David Livingston a me recontratar. A solidariedade dos trabalhadores – muitos dos quais estavam em apuros por causa da longa greve – me mostrou mais uma vez como a solidariedade muda a forma como vivemos juntos e quais possibilidades podemos abrir. Eu tinha aceitado meu destino. Eles não fizeram isso.

Organizando-se em Hackensack com a United Electric (UE)

Fiquei no Distrito 65 por mais 6 meses depois de ser recontratada. O impulso do movimento administrativo começou a morrer por causa da brutal opressão contra a sindicalização por



parte dos empregadores em Nova York. Decidi voltar à organização industrial. Hackensack foi uma cidade industrial próspera em 1976. A fabricação eletrônica era principalmente equipamento elétrico mais convencional. Eu queria ver a terra e trabalhei em várias fábricas como soldadora antes de ser contratada pela United Electric Workers. A UE era famosa por suas políticas radicais e era notória por suas associações passadas com o Partido Comunista dos Estados Unidos (CP).

Soldar foi o trabalho mais hábil que já tive em uma fábrica. Uma vez contratados no escritório da UE em Patterson, Nova Jersey, começamos a traçar estratégias sobre como proceder. A UE há muito tempo tinha sido vítima da isca vermelha estilo anos 1950, que perdeu muito de sua adesão à Irmandade Internacional dos Trabalhadores Elétricos (IBEW). Só havia três de nós no escritório. Ainda assim decidimos ser ousados e abrir vários sindicatos ao mesmo tempo em um parque industrial em Hackensack. Os trabalhadores das fábricas elétricas eram mais qualificados e, como resultado, menos medo de serem demitidos, pelo menos em 1976. Trabalhamos 24 horas por dia, mas, na verdade, ganhamos três eleições em 6 meses. Foi uma época inebriante. As negociações começaram, mas assim que as negociações estavam começando, após as vitórias eleitorais, os “Caminhoneiros” [Teamsters¹⁶] apareceram.

Os Caminhoneiros já foram grandes líderes no movimento sindical, mas em 1976 eles eram conhecidos por serem fortemente controlados pela máfia. Aos donos da empresa foi oferecido acordos desfavoráveis aos trabalhadores [sweetheart contract], pelos quais os chefes pagam os Caminhoneiros para se livrarem do sindicato legítimo, prometendo o paraíso aos trabalhadores, mas entregando nada. Ficamos o máximo que pudemos. Eu estava fora panfletando todos os dias para convencer os trabalhadores que nós éramos o verdadeiro sindicato. Os capangas dos Caminhoneiros estavam sempre lá para nos ameaçar. Eu mantive assim por semanas. Os dois capangas constantemente cortavam meus pneus e eu regularmente recebia ameaças de morte de um tipo ou de outro. Aproximei-me dos “irmãos” dos Caminhoneiros e pedi-lhes que agissem em solidariedade aos trabalhadores, mesmo

¹⁶ N.T.: Os Teamsters são membros de um sindicato formado inicialmente por trabalhadores caminhoneiros. Atualmente os Teamsters dizem representar (considerando as críticas aqui feitas por Drucilla Cornell) diversos grupos de trabalhadores. Optamos por manter a tradução literal de “caminhoneiros” devido a direta relação que podemos fazer com a realidade brasileira, após os eventos de maio de 2018.



sendo mulheres trabalhadoras. Eles precisavam de um sindicato que tivesse sido eleito e os contratos desfavoráveis eram um insulto à solidariedade da classe trabalhadora. Um dos capangas disse, e eu estou parafraseando, "Você é de outro planeta?". Não convenci nenhum dos dois a parar suas intermináveis tentativas de me atacar como representante da UE. Aprendi a trocar pneus. Mas nós éramos um sindicato pobre e os trabalhadores ou acreditaram nas promessas vazias dos Caminhoneiros, ou estavam muito intimidados pela presença dos Caminhoneiros, e perdemos nossos grupos. Foi uma derrota difícil de aceitar.

Conclusão

Eu percebo que o que eu escrevi é tanto sobre derrotas como é sobre vitórias. Trata-se também de uma época de meio século atrás, quando os trabalhadores tinham substancialmente mais direitos do que agora. Ainda tínhamos uma Lei Nacional de Relações do Trabalho que não havia sido sistematicamente desmaterializada, se transformando em um fantasma de si mesmo. O esforço sistemático de Ronald Reagan e seus companheiros de negócios para quebrar o sindicato e atacar os direitos dos trabalhadores em nível federal e estadual nem sequer começou. Mas como eu escrevi, essas lutas ficaram comigo como a promessa de que sempre lutaremos novamente. Pense agora no impressionante levante dos ativistas de Black Lives Matter, LGBTQ e #MeToo. Pesquisa após pesquisa mostra que os jovens de hoje são a geração mais comprometida com a igualdade racial e de gênero, sustentabilidade climática e direitos trabalhistas. Os estudantes lutam para que as universidades apoiem as organizações estudantis e para que se formem novas. Mais recentemente, os trabalhadores high-tech, dos shows e da cultura recorreram à sindicalização e venceram. E até mesmo os gigantes tecnológicos no entorno da minha antiga faculdade no Vale do Silício estão enfrentando um movimento de pressão sindical¹⁷. Se eu aprendi alguma coisa com a minha própria vida de ativista é um truísmo atemporal: enquanto houver injustiça, a luta continuará!

¹⁷ EIDELSON, Josh, "Union Power is Putting Pressure on Silicon Valley's Tech Giants," Bloomberg BusinessWeek (9/14/2017); LYMAN, Richard. Stanford in Turmoil: Campus Unrest 1966-72 (Stanford U. Press, 2009).



Tradução

Maria Walkíria Cabral, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mwcabral@ippur.ufrj.br

Referências bibliográficas

CANNON, Lou. **Governor Reagan: His Rise to Power**. Public Affairs, 2003.

CORNELL, Drucilla. **There is Power in Union: How I became a labor activist**. Center for the Study of Labor and Democracy, Hofstra University. *Regional Labor Review*, vol. 23, no. 1. Fall, 2020. Disponível em: <https://www.hofstra.edu/sites/default/files/2021-07/how-became-activist-fall20-cornell.pdf>.

EIDELSON, Josh. **Union Power is Putting Pressure on Silicon Valley's Tech Giants**. Bloomberg BusinessWeek, 2017.

FRANKLIN, H. Bruce. **Crash Course: From the Good War to the Forever War**. Rutgers U. Press, 2019.

HIRSCH, Barry, et al. **Estimates of Union Density By State**. *Monthly Labor Review*. Jul., 2001.

LAMOTT, Kenneth. **In the Matter of H. Bruce Franklin**. *New York Times Magazine*. 23 de jan., 1972.

LYMAN, Richard. **Stanford in Turmoil: Campus Unrest 1966-1972**. Stanford U. Press, 2009.
MISHEL, Lawrence, et al. **Explaining the Erosion of Private Sector Unions**. EPI Report. Jul., 2020.

REICHERT, Julia, BOGNAR, Steven. **9to5: The Story of a Movement** [Documentary]. Community Media Productions: United States, 2020.

UNITED STATES. **Case Brnovich v. Democratic National Committee**, Supreme Court of United States. Oct, 2020. Disponível em: www.supremecourt.gov/opinions/20pdf/19-1257_g204.pdf.

UNITED STATES. **U.S. National Archives**, Vietnam War U.S. Military Casualty Statistics, 2008. Disponível em: www.archives.gov/research/military.



UNITED STATES. **U.S. Bureau of Labor Statistics**. Union Members – 2019. BLS, January, 2020.
Disponível em: www.bls.gov

Sobre a autora**Drucilla Cornell**

Professora Emérita de Ciências Políticas, Literatura Comparada e Estudos de Mulheres e Gênero na Rutgers University; Professora Extraordinária na Universidade de Pretoria, África do Sul; e professora visitante na Birkbeck College, Universidade de Londres.

A autora é a única responsável pela redação do artigo.

